

EVIDÊNCIAS DE DESÍGNIO - REFLEXOES

Orlando Ruben Ritter

A observação atenta da realidade ao nosso redor sugere, já a primeira vista, a existência de desígnio, de planejamento inteligente, de propósito no mundo.

As evidências de desígnio levam a pensar numa realidade, não puramente mecânica, mas num universo que em última análise mais parece uma grande mente do que uma grande máquina. Não é para menos que Platão admitia a existência de uma mente macrocômica no universo em contraposição às nossas mentes microcômicas.

A idéia de desígnio no mundo, na natureza, tem sido discutida desde a antigüidade e está em evidência nos mais antigos manuscritos bíblicos e na mitologia de muitos povos.

Sócrates já cogitou do conceito de propósito no mundo. Aristóteles sustentou a idéia de desígnio e a tendência das cousas buscarem a forma perfeita .

O grande filósofo medieval Tomaz de Aquino (1225 - 1274) argumentou que as evidências de desígnio apontavam para Deus pois planejamento inteligente sugere a existência de um planejador.

Mais recentemente, Isaac Newton (1642 - 1727) paradigma da ciência por muito tempo, sustentou idéias semelhantes.

Pouco depois o filósofo e inglês William Paley (1743 – 1805) publicou seu famoso livro intitulado Teologia Natural sustentando que planejamento inteligente implicava a existência de planejador e exemplificava sua afirmação com o exemplo do relógio que para funcionar requer existência do relojoeiro.

Na verdade muitos estão conscientes da existência de desígnio no mundo mas também muitos, na sua visão do mundo admitem que a existência de planejamento não requer necessariamente a existência de planejador. Outros sugerem que o planejador não precisa ser necessariamente o Deus da tradição judaico-cristã.

É digna de nota a posição do céptico David Hume (1711 – 1776) que afirmava que a evidência de desígnio não apontava necessariamente para Deus pois a natureza poderia ter em si mesma uma força organizadora.

Mais interessante ainda é a posição mais recente de Julian Huxley que ao considerar a origem da própria mente humana simplesmente afirmava que em determinada altura do processo evolutivo a matéria tomou-se consciente de si mesma e assim a mente surgiu da não-mente. Cabe perguntar:

Em que altura do processo? Como?

Seria O resultado de uma predestinação bio-química? Ou estaria o princípio da vida consciente inerente aos elementos em si mesmos?

Não parece fácil fugir da idéia de um projetista inteligente atrás e acima de tudo, mas muitos insistem em fazê-lo evocando fatores os mais diversos que até podem parecer convincentes para os que assumiram uma posição evolucionista.

Vejamos alguns exemplos:

Um argumento usado por aqueles que defendem a existência de desígnio inteligente é que **o acaso cego não pode estar atrás da origem de todas as cousas.**

A conclusão é clara diante do fato de ser mínima a probabilidade de formação espontânea de uma simples proteína como a insulina ou outras, conforme cálculos de matemáticos.

A resposta a este argumento costuma ser que a **evolução considera não só o acaso, mas o acaso conjugado com a seleção natural**. Esta tornaria provável o que de outro modo seria altamente improvável. Ainda costuma ser adicionado o fato de que o correr de muito tempo toma os eventos mais prováveis.

Outro argumento usado pelos defensores da idéia de planejamento inteligente é que **a interdependência das partes de um sistema que deve funcionar como um todo, requer que o funcionamento do sistema só ocorre quando todas as partes estiverem presentes e funcionando juntas**. E isso é verdade em miríades de casos nos organismos vivos.

Os que se opõem à idéia de planejamento inteligente contra-argumentam: **um sistema pode funcionar de modo mais simplificado enquanto partes funcionais aguardam que outras se tornem funcionais permitindo assim o aumento na complexidade do sistema**.

Mudanças funcionais, dizem. não precisam ser simultâneas para se tomarem operacionais.

Como exemplo costumam apresentar o caso de olhos funcionais que podem ser dispostos em seqüência desde os mais simples até os mais complexos.

O argumento de que **a seleção natural não é uma força criativa mas apenas uma influência limitadora e mesmo negativa eliminando formas menos aptas na luta pela existência** é rebatido com a afirmação de que **a seleção natural combinada com a variação é criativa permitindo assim o surgimento de novas espécies e de tudo mais**.

O argumento de que **a seleção natural não explica a origem de mudanças não adaptativas** (desnecessárias à sobrevivência) das quais há miríades de exemplos é rebatido com a afirmação de que **mudanças não adaptativas podem acompanhar mudanças adaptativas**.

Um órgão inútil pode acompanhar o surgimento de um órgão necessário à sobrevivência.

Para cada argumento há um contra-argumento. O que não parece fácil é evidenciar claramente tudo isso.

Outros conduzem a discussão em torno do desígnio no mundo e seu significado afirmando que **propósito faz parte da estrutura do universo e finalmente pode resultar em aumento de complexidade inclusive vida e personalidade**.

Desígnio estaria imbutido na estrutura da natureza sem que tenha que ser introduzido por ato de intervenção.

Na verdade as evidências de propósito e planejamento inteligente são tantas e insofismáveis, mas a grande preocupação é não reconhecer um planejador. Esse foi o caminho escolhido pela comunidade científica ao eleger a visão naturalista do mundo como cenário para a ciência moderna.

Filósofos neo-tomistas, e entre eles Jaques Maritain, ao considerarem as evidências de planejamento inteligente no mundo as agruparam em duas grandes divisões: **evidências em relevo** que seriam evidências fora de nós (fora do homem) ao

redor de nós e **evidências em incisão** que seriam evidências dentro de nós ou seja evidências no próprio homem.

Este fantástico conjunto de evidências logicamente apontaria para um planejador inteligente, ou seja, seriam evidências da existência de Deus.

EVIDÊNCIAS OU PROVAS EM RELEVO

Observando a Terra como um todo sob mais diversos aspectos, ela parece ter sido objeto de planejamento especial. Não há como discordar.

De acordo com o físico Sir James Jeans a Terra parece peculiarmente adequada para ocupação humana permitindo ao homem exercer todas as suas faculdades ao máximo do seu potencial.

Um lugar para ser habitado e não um mero abrigo para ser suportado.

Comparando a Terra com o Universo e com o Sol, de acordo com Fred Hoyle, ela parece ter sido feita de material errado pois enquanto o hidrogênio e o hélio compõem mais de 99% da massa do Universo e do Sol, na Terra estes elementos aparecem em mínima proporção dando lugar a outros elementos essenciais à vida como oxigênio, carbono, ferro, alumínio e dezenas de outros.

É de estranhar como o Sol, composto de hidrogênio e hélio (mais de 99%), tenha ejetado o material que compõe a Terra e ainda a uma distância adequada para sua habitabilidade.

Considerando o tamanho da Terra e sua massa, percebe-se logo sua adequação gravitacional para reter uma atmosfera formada justamente pelos gases essenciais à vida na devida proporção.

É interessante que a natureza e a proporção de gases componentes da atmosfera permitam a passagem das radiações essenciais formando uma verdadeira janela para a vida.

É digno de nota ainda que o tamanho da Terra e a sua massa sejam tais que permitem que o peso do corpo do homem e de outros organismos seja compatível com a resistência da sua estrutura.

A alternância de dias e noites, que tem que ver com a rotação da Terra em torno do seu eixo, além de marcar períodos de vigília e repouso tão importantes, ainda, permitem que as plantas regenerem a atmosfera através da ação clorofiliana mantendo constante a proporção de oxigênio no ar. Nesse caso está em evidência a complexa molécula de clorofila construída em torno de um átomo de magnésio.

A distribuição de águas e terras, juntamente com o elevado calor específico da água e adequados calores latentes de fusão (80 cal/g) e de vaporização (540 cal/g) favorecem o papel da água como reguladora da temperatura através de uma adequada distribuição de calor e umidade.

Aliás, o simples fato de haver muito mais água no hemisfério sul favorece a amenidade climática neste hemisfério porque quando ocorre o inverno a Terra passa justamente pela posição de afélio (um pouco mais afastada do Sol) havendo assim uma compensação.

A própria inclinação do eixo da Terra permite variações sazonais tão importantes na distribuição e na sobrevivência das várias formas de vida animal e vegetal.

Há também miríades de evidências de desígnio no mundo biológico fora de nós.

Consideremos por exemplo o instinto nos animais, evidentemente a mais complexa forma de comportamento inato no qual se acham envolvidos hormônios, músculos, nervos e reflexos.

Perfeitos, intrincados, enormemente variados, versáteis, vitais para a sobrevivência de milhares de formas, inexplicáveis, **os instintos, como quaisquer outras estruturas, seriam inúteis se não fossem perfeitos.**

Como poderiam desenvolver-se por estágios sucessivos e em milhares de casos diferentes; como requer um modelo que não aceita planejamento inteligente?

Basta atentar para fenômenos complexos como hibernação e estivação envolvendo profundas adaptações orgânicas e respostas adequadas ao ambiente, ou as migrações das aves, também inexplicáveis, quando muitas vezes são percorridos milhares de quilômetros em predeterminadas rotas de ida e volta e misteriosamente guiadas por algo parecido com um sexto sentido acionado pelos raios solares, pelo campo magnético e até pelas estrelas distantes?

Mais enigmáticas ainda são as migrações dos peixes estendendo-se por anos e requerendo muitas vezes deslocamento em água doce e salgada ou salgada e doce, em rios e oceanos, com exato retorno ao ponto de partida como por exemplo o caso dos salmões?

Os mecanismos de defesa de grande parte dos organismos vivos ostensivamente sugerem desígnio ou planejamento inteligente.

Basta considerar o sangue, este maravilhoso fluido com sua capacidade de suprir oxigênio e alimento às células e delas trazer produtos de desassimilação podendo ainda, através de anticorpos específicos, de precipitinas e aglutininas, de leucócitos e células macrófagas destruir micróbios e toxinas, tornando ainda viáveis processos de vacinação e soroterapia.

Que dizer do poder antisséptico da pele, das mucosas, da saliva, das lágrimas, dos sucos do estômago, ao lado do trato digestivo, com a boca ligeiramente ácida, o estômago bastante ácido, o intestino delgado alcalino e o sangue ligeiramente alcalino justamente como parece dever ser?

Como mudanças graduais por acaso, mesmo sob a égide da seleção natural poderiam originar essas diferentes situações?

O testemunho da beleza. Por toda parte no mundo, nos céus e na terra, encontram-se pinceladas de beleza. Harmonia da forma, das cores, dos sons, da própria vida, é visível por toda parte.

No entanto a beleza, especialmente visual, parece inútil para a sobrevivência num mundo regido pela seleção natural.

A beleza tem mais sentido num mundo com desígnio, onde promove a gratificação estética tão bem inculcada no homem.

O estudo e a contemplação do mundo de imediato sugerem um esbanjamento de beleza, uma **beleza supérflua**, desnecessária para a sobrevivência num esquema de seleção natural e no domínio da funcionalidade.

Flores, folhas, borboletas, peixes, pássaros esbanjam beleza sob modalidades de cor, forma e desenho.

Não é de balde que Darwin tenha se preocupado com as penas do pavão e Wallace, seu amigo, com as penas ornamentais das aves do paraíso, escondidas no recôndito das matas da Nova Guiné.

Certamente desígnio, muito melhor que acaso, afinam com tais fatos mesmo que se considerem tais fatos no contexto da seleção natural. Como explicar ainda a **beleza escondida** no fundo dos mares, no âmago das florestas, no ermo do deserto e na calada da noite onde tem ainda menor relação com a sobrevivência, e onde a seleção natural seria menos eficiente?

A observação ainda mais acurada e atenta dos seres vivos, das suas formas, seus coloridos, desenhos, esplendor e pujança insinuam ainda uma **beleza perdida**, perdida possivelmente na bagagem genética, no correr do tempo, talvez até eliminada pela seleção natural por estar associada a fatores genéticos recessivos e que reaparece especialmente no mundo vegetal em formas raras, de excepcional beleza, exótico colorido e mesmo descomunal tamanho destacando-se logo entre milhares de formas comuns.

Parecem mais reminiscências de perfeição originalmente criada mas perdida em meio a sistemas atacados pela seleção natural que permite a sobrevivência das formas comuns.

A beleza perdida também pode ser considerada como uma forte evidência de planejamento inteligente.

A complicada singularidade das formas vivas desde a complexidade de uma célula ou de um antigo trilobita até a fantástica complexidade do cérebro humano, certamente a mais sofisticada forma de matéria no Universo, fortemente sugerem desígnio.

A investigação dos seres vivos revela por toda a parte a existência de complexos sistemas biológicos com suas partes altamente interdependentes como se pode ver na ação hormonal que requer intrincada interdependência entre células, órgãos e outros hormônios.

Mesmo o processo que leva à cicatrização de ferimentos e o poder sarador que há nos organismos vivos é admirável.

Que dizer então da maravilha que é o olho e que deu preocupações a Darwin e a muitos outros evolucionistas?

Nos olhos dos seres superiores existem vários sistemas ópticos diferentes que permitem a formação de imagens.

Como poderiam evoluir um do outro e manter-se funcionais nos vários estágios intermediários quando cada um deles requer arranjos diferentes das partes?

EVIDÊNCIAS EM INCISÃO

Uma das maiores, senão a maior evidência de planejamento inteligente encontramos na mente humana com seus altos atributos e que tem o cérebro humano como substrato e é a residência dos atributos morais e espirituais do homem, inclusive o sentimento do eu.

A origem da mente humana é de fato um enigma no contexto das explicações naturalistas.

As intrincadas características mentais estão muito além do requerido para a sobrevivência e talvez até por isso o homem muitas vezes acabe destruindo o seu meio ambiente.

Alfred Russel Wallace (1823 -1913) biólogo, contemporâneo e amigo de Darwin formulou o princípio da seleção natural independente de Darwin.

Wallace afirmou que era necessário algo mais que as forças cegas da natureza, sob a égide da seleção natural, para explicar o surgimento das altas faculdades humanas. Segundo Wallace, a capacidade cerebral de povos primitivos era comparável à de grupos humanos altamente civilizados e proviam capacidade mental bem acima das requeridas para as necessidades de uma vida de aborígenes. Para estes um cérebro bem mais rudimentar seria suficiente e é o que se esperaria da seleção natural.

Contudo, afirmava ele, possuem um cérebro um pouco inferior ao de um filósofo.

A esta altura convém perguntar:

Podem processos mentais emergir de processos não mentais?

É possível a emergência da mente de uma não-mente?

Pode alguma forma de ética desenvolver-se num contexto de luta pela sobrevivência num processo de seleção natural?

Interessante é que Darwin admitia que o senso moral do homem também havia se originado por seleção natural, no que era apoiado por Herbert Spencer o chamado "filósofo da evolução."

Já Huxley, o chamado "cão de guarda do darwinismo", discordava e não podia aceitar a imaginação de Darwin de que nos primórdios da humanidade, membros de alguns grupos primitivos teriam desenvolvido "fortes instintos sociais" favorecendo o bem geral, o que lhes teria passado uma vantagem sobre outros grupos em termos de sobrevivência, favorecendo assim o desenvolvimento de algum senso de moralidade.

A TRIBUTOS DA MENTE HUMANA

O cérebro humano, substrato da mente, por sua vez residência do sentimento do eu, o formidável pronome da primeira pessoa do singular que torna inconfundível a personalidade humana com qualquer outra por mais parecida que seja. Eu sou eu e não há outro como eu.

Como o fantástico conjunto de conexões cerebrais pode ter sido arranjado de modo a podermos raciocinar, desenvolver altos atributos, indagar sobre origens, destinos, natureza última das cousas, desenvolver cultura e linguagens, fazer escolhas, apreciar a beleza, desenvolver senso de responsabilidade e dever, enfim, filosofar ou desenvolver alta matemática?

Como é intrincando o enigmático eu capaz de se disfarçar atrás de um **eu público** ou estudando a si mesmo no contexto existencial abstrair um **eu ideal**, um eu que é como o **eu real** deveria ser mesmo que jamais venha a ser?

Como o eu humano pode ao longo dos tempos fantasiar-se e assumir formas adequadas aos contextos vivenciais da época como o eu lógico dos escolásticos, o eu romântico dos renascentistas, o eu racional dos iluminados e dos empiristas ou o eu cibernético dos modernistas?

Considerando atributos humanos, não há como ignorar o senso de historicidade, de temporalidade. É típica marca humana descobrir-se imerso no tempo, datado, sentir o presente, o hoje, sem a ele ficar preso, podendo atingir o ontem, o passado, conjecturar sobre origens, como tudo começou e reconhecer o amanhã e conjecturar sobre o futuro, sobre a vida futura, mesmo depois da morte, concluindo alguns que ela cessa, outros que ela cessa mas pode ser reassumida um dia e ainda outros que ela não cessa e continua na forma de uma entidade imortal, a alma. É digna de nota uma obra da literatura egípcia escrita 1500 anos antes de Cristo sob o título: "Diálogo de um homem com sua alma".

Que dizer do **senso de responsabilidade e dever**, tremenda e peculiar capacidade humana de poder desenvolver e possuir, associada ao eu ideal, uma consciência que o dirige ao que é certo, de acordo com códigos morais que o homem pode conhecer, entender cumprir e ele mesmo elaborar!

Outra marca distintiva humana, que sugere planejamento é a capacidade lingüística, e coube também a Wallace enfatizar a grande diferença entre a linguagem humana e os sinais utilizados pelos animais. Segundo Max Muller, contemporâneo de Darwin, a linguagem é distintivo fenômeno humano e fortaleza inexpugnável entre o animal e o homem.

Não há evidências de peso que permitam assumir a origem gradativa da linguagem humana a partir de animais mudos.

O abismo entre guinchos, uivos e grunhidos e palavras parece intransponível, embora Spencer tenha insinuado uma origem da linguagem a partir de grunhidos.

Mesmo G. G. Simpson em artigo escrito na revista Science (1966) afirma que até o presente não há linguagem primitiva no sentido de estar próxima da origem da linguagem.

Susana Langes em Comentários sobre a linguagem afirma: aprendida na infância, é uma arte passada de geração em geração sem que haja professor ou aprendizagem. É espantoso não encontrar protótipo de linguagem nos animais superiores e linguagem arcaica entre criaturas humanas. Não é possível encontrar uma única palavra que seja pronunciada instintivamente.

Muitas outras qualidades tipicamente humanas poderiam ser mencionadas, como por exemplo o **senso de perfeição** que vem acompanhado do seguinte raciocínio filosófico: por que existiria o imperfeito e não o perfeito? Para sabermos que o imperfeito é imperfeito, só existindo o perfeito.

CONCLUSÃO

As evidências de desígnio no mundo são muitas e de grande peso especialmente quando se trata de atributos humanos. Não há como ignorá-las.

Contudo, muitos não aceitam que elas requerem um planejador inteligente e sugerem modos diversos de explicá-las apelando para a tríade evolucionista: acaso, seleção natural e tempo.

Isto pode ser observado em alguns títulos publicados:

A resposta da Teoria da Evolução ao Comportamento Altruista (Origins 19:54)

Preciso desenvolvimento por regras imprecisas (Science, 264)

Emergência da Inteligência (Scientific American, 271)
e outros.

A visão naturalista, tanto quanto a visão criacionista das evidências de desígnio, são emolduradas por pressuposições e atos de crença.

Definindo fé como atitude que leva a fazer pressuposições que não podem ser provadas, mas são sustentadas por evidências, concluímos que tanto o crente no planejador inteligente quanto o descrente (crente na tríade evolucionista) exercem fé e a fé tanto do crente quanto do descrente ilumina os caminhos da razão como se vê.

Os escolásticos medievais olhando o mundo fizeram a grande síntese da razão com a revelação, os famosos 2R's. Os iluminados enfatizaram a razão, o grande R.

Os empiricistas passaram a enfatizar a percepção e a razão.

Os crentes no Planejador Inteligente apoiam suas crenças na trílice síntese da percepção, razão e revelação.

Os fatos estão à vista. É só escolher a visão que achamos mais plausível.